

Entrevista com Marco Antônio Teixeira Gonçalves

REVISTA HABITUS: Iniciemos esta conversa falando sobre sua formação. Fale-nos um pouco sobre seu ingresso na graduação em ciências sociais, no IFCS/UFRJ? O que na graduação o fez optar pela linha da antropologia, e, mais especificamente, pela área da etnologia?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Na realidade, eu comecei minha formação no curso de História na PUC-RJ em 1979. E em 1980 eu ingressei como estagiário no Museu do Índio do Rio de Janeiro e diria que foi lá que dei uma virada de orientação nos meus interesses e a partir da Etnologia que me interessei pela Antropologia e daí o caminho natural era mudar de curso e passar a fazer Ciências Sociais. Portanto, em 1981, ingressei no Curso de Ciências Sociais do IFCS o que consolidou ainda mais meu interesse pela antropologia. Logo de início tive como professores de antropologia José Reginaldo Santos Gonçalves, Yvonne Maggie, Neide Esterci, Vera Calheiros, Marie-France Garcia cujos cursos despertaram ainda mais minha vocação e meu interesse. Em 1982 fui monitor de antropologia supervisionado por Yvonne Maggie e aí descobri minha vocação para o magistério. Naquela época, para ser monitor era realizado um concurso com uma banca de três professores, com aula prática e teórica, com sorteio de pontos. Uma espécie de mini concurso público para professor. Foi uma experiência extraordinária, pois eu podia auxiliar Yvonne em seu curso ao mesmo tempo que organizei um grupo de estudo sobre o estruturalismo de Lévi-Strauss com alguns alunos de graduação, entre eles me lembro de Luis Rodolfo Paixão Vilhena e Lula Buarque de Hollanda. Naquela época era um momento de efervescência intelectual, e os alunos de graduação eram muito mais próximos dos professores do que hoje em dia até porque ainda não tinha no IFCS nenhum programa de pós-graduação em sociologia e antropologia.

REVISTA HABITUS: Eduardo Viveiros de Castro foi seu orientador ao longo de dez anos. Sabemos também que as formulações deste intelectual foram fundamentais para alterar os paradigmas da antropologia no Brasil e fora do país. Após tantos anos de estudos dedicados à temática indígena como o senhor avalia o “perspectivismo” atualmente? Como esta formulação o influenciou e como ainda tem o influenciado?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: As ideias e formulações de Viveiros de Castro foram fundamentais para minha geração e para quem buscava uma formação em Etnologia. As suas ideias eram como um novo sopro, um renascimento e consolidação da Etnologia em outras bases conceituais que influenciou não apenas quem estava no Museu Nacional, mas muitos outros estudantes de outras universidades no Brasil e no exterior. O perspectivismo foi uma formulação e conceituação sobre um problema posto pela etnologia ameríndia desde sempre que ganhou um arcabouço conceitual com Viveiros de Castro. Defendi minha tese de doutorado justamente no ano em que Viveiros de Castro publicava o célebre artigo sobre perspectivismo, entretanto as questões já estavam postas muito antes por ele mesmo em seus cursos e diria mesmo que o perspectivismo

nasce com o seu livro “Arawete: os deuses canibais” quando Viveiros de Castro explora em detalhe a famosa frase de Cunhambebe quando interrogado por Jean de Lery sobre o fato de comer um humano: “Eu sou Jaguar e está gostoso”. A análise que Viveiros de Castro empreende no epílogo de seu livro sobre a conceituação Tupinambá de alteridade implicava já a ideia de perspectiva. Penso que naturalmente este conceito foi se desenvolvendo até chegar no “perspectivismo”.

REVISTA HABITUS: Sua trajetória enquanto professor e aluno é marcada por uma circulação por instituições de âmbito nacional e internacional. Algumas instituições brasileiras (como o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais e o Museu Nacional, ambos da UFRJ) fazem parte desse cenário, assim como universidades fora do país como na Bélgica e França entre outras. Como se deu este trânsito entre instituições e como estes múltiplos pertencimentos institucionais foram fundamentais na sua trajetória.

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Depois do IFCS e de passar 10 anos como aluno no Museu Nacional, senti necessidade de ver outras Instituições. Fiz o pós-doutorado na Universidade de St. Andrews, Escócia, sob a supervisão de Joanna Overing o que foi muito importante na minha formação e pude abrir meus horizontes seja de autores seja de novas questões. E depois tive experiências na Bélgica e na França. Na França foi onde pude conhecer a obra de Jean Rouch e passar a me interessar pela chamada Antropologia Visual, o que abriu uma nova agenda de trabalho na minha formação.

REVISTA HABITUS: Visando o desenvolvimento da antropologia brasileira, esta constituiu suas particularidades diferenciando-se da escola francesa, adquirindo assim um modelo menos eurocêntrico? Quais as implicações positivas e negativas dessa diferença?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Penso que as múltiplas influências que impactam a antropologia brasileira é o que me parece mais interessante na produção da antropologia em um país como o Brasil que sempre teve uma abertura para o outro (ao modo ameríndio), processando influências e retrabalhando de um modo original as questões centrais da disciplina. Longe de ser uma relação colonial do tipo colônia e metrópole, ou centro e periferia, a antropologia brasileira transforma esta relação e contato com as ideias dos 'outros' em pura criatividade.

REVISTA HABITUS: Quanto a sua trajetória acadêmica composta pela passagem por instituições européias e brasileiras, como o senhor vê o atual desenvolvimento e progresso da antropologia brasileira?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Eu, como a maioria dos antropólogos brasileiros que passam por outras experiências institucionais, sobretudo na Europa e Estados Unidos percebe que a Antropologia brasileira está num nível excelente de qualidade e dialoga com as questões

contemporâneas da disciplina. A antropologia brasileira sempre se construiu em diálogo com outras antropologias, sobretudo com as produzidas na França, Inglaterra e Estados Unidos o que possibilita um diálogo mais simétrico entre nossa produção e o que é produzido pela antropologia em outras partes do mundo.

REVISTA HABITUS: Atualmente, o senhor, em suas pesquisas, tem se dedicado cada vez mais à temática da antropologia visual. Como se deu esta aproximação? Quais são as dificuldades que encontramos ao optar por este tipo de abordagem e as possibilidades que se abrem neste fazer antropológico?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: A maior dificuldade que se encontra neste campo é justamente poder visualizar estas etnografias visuais, os filmes propriamente ditos que à diferença com os livros são muito difíceis de se ter acesso. Até hoje, encontrar e poder ver os filmes de Jean Rouch não é algo simples, não está à disposição de todas as pessoas. Daí a primeira dificuldade é poder avaliar criticamente este material produzido por este campo chamado Antropologia Visual. Acho que o interesse pela Antropologia Visual vem crescendo cada vez mais em parte pela questão central que a imagem ocupa hoje na reflexão das Ciências Humanas em geral e mais especificamente na Antropologia. Penso que aqueles que refletiram sobre a produção de filmes e fotos na Antropologia estavam discutindo questões centrais da etnografia e, por consequência, da teoria antropológica, tais como, a produção do conhecimento, a relação entre o dado e o fato construído, entre ficção e realidade. A minha aproximação com este tema foi um modo de buscar novas problemáticas, sobretudo no que diz respeito à etnografia, pois penso como Jean Rouch que a etnografia não é algo como coletar dados para uma pesquisa, mas a produção da etnografia para a antropologia tem implicações epistemológicas importantes, pois é deste modo que se produz o conhecimento na disciplina. Neste sentido, a etnografia visual e os experimentos em etnografia me interessam muito, pois recolocam ou procuram reconstruir os principais problemas da antropologia e seu modo peculiar de produzir o conhecimento.

REVISTA HABITUS: Atualmente, com a ampla difusão das novas mídias, cada vez mais os indivíduos tornam-se autores de suas imagens, deslocando-se do papel de espectador para o de autor. Como o senhor vê este processo? De alguma forma isso traz novas implicações para a antropologia visual?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Certamente. Rouch dizia que a verdadeira antropologia compartilhada seria aquela que a câmera passaria das mãos do antropólogo para as mãos do nativo e que isto produziria um impacto na disciplina pois mudaria a perspectiva conceitual. Vemos múltiplas formas de representar o mundo através do acesso de novas mídias, vemos uma pluralidade de perspectivas que tornam ainda mais rica a experiência da etnografia que não é mais um monopólio do antropólogo. E o visual quando adotado pela antropologia sempre implicou uma negociação mais aguda entre a perspectiva do antropólogo e a dos nativos implicando daí uma série

de questionamentos que no mínimo tornam esta relação 'mais simétrica' no que se refere a abertura da antropologia para os conceitos nativos. Rouch foi precursor quando escreve no começo dos anos 70 seu célebre artigo sobre a possessão adotando os conceitos nativos de possessão para pensar na sua própria relação com a câmera e com o ato da etnografia como um modo de estar possuído. Para Rouch, a possessão e a etnografia produzem conhecimento.

REVISTA HABITUS: Ao se dedicar neste novo campo de estudo, a antropologia visual, podemos perceber sua aproximação aos debates iniciados por Jean Rouch dentro da própria antropologia. Como se dá a relação da carga funcionalista de Rouch com a antropologia perspectivista contemporânea?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Acho que cada tempo tem suas questões, ou melhor formas de rephrasear os mesmos problemas postos desde sempre pela Antropologia. Não sei se a obra de Rouch poderia ser enquadrada como funcionalista. Penso que as obras devem ser lidas a partir das questões que elas problematizam e no caso de Rouch, sua obra já tinha muitas questões que são absolutamente contemporâneas, como a antropologia compartilhada, a problemática da alteridade que em Rouch é bastante sofisticada. Por isso penso que quando lemos um autor que escreveu algo há 60, 70 anos temos que dar uma chance a sua obra, de buscar nela continuidades e descontinuidades com as questões da antropologia contemporânea. Assim, podemos redescobrir um autor e ao mesmo tempo trazê-lo para as discussões atuais da antropologia.

REVISTA HABITUS: Ainda pensando sua trajetória acadêmica, não podemos deixar de ressaltar sua inserção no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ. Como foi o retorno a esse instituto, onde se iniciou sua trajetória intelectual? Atualmente, além de professor, há uma inserção diferenciada no cargo de direção. Quais os desafios deste novo papel?

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Estou no IFCS desde 1980 como aluno de graduação e ingressei como professor em 1984. Assim, frequento o Largo de São Francisco há 31 anos. Sempre tive um envolvimento institucional grande, fui coordenador do Laboratório de Pesquisa Social durante muitos anos, depois fui coordenador do Curso de Graduação por quatro anos, participei da coordenação do PPGSA muitas vezes e fui por duas gestões coordenador da Pós-Graduação e assumi o cargo de diretor do IFCS em 2010. Todos os cargos impõem desafios, mas a Direção do IFCS é uma tarefa muito complexa, pois envolve múltiplas interfaces com múltiplas esferas. Sem sombra de dúvida acho que é o desafio mais complexo da gestão acadêmico-administrativa na Universidade.

REVISTA HABITUS: Por fim, pedimos que o senhor aponte um livro, uma obra artística, uma personagem (real ou fictícia) ou um fato que considera ter marcado sua trajetória intelectual.

Marco Antônio Teixeira Gonçalves: Eu penso que dois autores marcaram muito minha trajetória intelectual em termos de impacto intelectual, no estilo de produzir conceitos e no modo que articulam Etnografia e Antropologia. Geertz foi uma verdadeira descoberta nos anos 80, era leitura obrigatória e estimulante. Ler Lévi-Strauss até hoje é instigante, no modo que formula problemas na Antropologia e como cria uma linguagem moderna que abre a antropologia em múltiplas direções. 🌀

Entrevista realizada por: Guilherme Marcondes, Paulo Roberto Alves, Priscila Bittencourt e Renan Reis.